



---

<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-configuracao-das-mulheres/>

## A configuração das mulheres na cobertura jornalística de desastres

Alice Bianchini Pavanello [1]

Márcia Franz Amaral [2]

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo investigar quais assuntos se tornaram pauta na cobertura jornalística de acontecimentos do tipo desastres e como as mulheres são acionadas como fontes. Sendo a mídia um importante elemento para a configuração de sentidos de um desastre, os jornalistas selecionam pautas e acionam fontes de acordo com as referências profissionais e culturais nas quais estão inseridos, podendo destacar ou invisibilizar sujeitos e situações. O poder hermenêutico dos acontecimentos foi acionado como operador analítico de 28 notícias, publicadas em três dias, no portal de notícias UOL, na cobertura de um temporal no Rio de Janeiro. Concluímos que raros assuntos associados às mulheres viram pauta e ainda, enquanto fontes de informação, quando acionadas, as mulheres são prioritariamente fontes testemunhais (94%), mas sem terem o potencial de denúncia repercutido pela cobertura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acontecimento. Cobertura de desastres. Fontes jornalísticas. Mulheres.

---

## The configuration of women in disaster news coverage

**ABSTRACT:** This article aims to investigate which assignments have become the focus of journalistic coverage of happens disaster-type and how women are used as sources. Since the media is an important element in shaping the meanings of a disaster, journalists select agendas and use sources



---

according to the professional and cultural references in which they are inserted, and can highlight or make invisible subjects and situations. The hermeneutic power of happens was used as an analytical operator in 28 news stories published over three days on the UOL news portal, covering a storm in Rio de Janeiro. We concluded that assignments associated with women were rarely on the agenda and that, as sources of information, when they are used, women are primarily testimonial sources (94%), but do not have the potential to denounce repercussions of the coverage.

**KEYWORDS:** Happening. Disaster coverage. Journalistic sources. Women

---

### **O contexto de vulnerabilidade nos desastres**

A desigualdade entre mulheres e homens atravessa a sociedade e se manifesta em diferentes segmentos. Mesmo que se tenha conquistado avanços significativos nos direitos das mulheres nos últimos anos, Mattos (2006) aponta que existe um conjunto de valores compartilhados entre os sujeitos em uma instância pré-reflexiva, inarticulada e opaca, ou seja, que se realiza de forma inconsciente, que influencia em ações e julgamentos que estão por trás do que se entende ser o papel das mulheres na sociedade nos âmbitos privado e público. Esse consenso diz respeito a uma dimensão objetiva de moralidade que acaba por relativizar a existência feminina ao colocá-la em oposição à masculina. A essencialização dos papéis de mulheres e homens são reproduzidos de modo imperceptível por práticas sociais e institucionais, sendo a mídia uma das instituições que colaboram para a perpetuação dessa imagem quando, por exemplo, representa reiteradamente a mulher como “repositária das virtudes afetivas e emocionais por oposição às virtudes intelectuais e racionais do homem” (Mattos, 2006, p. 156). Mesmo em ambientes em que as mulheres são maioria, elas têm a voz silenciada e tem seus trabalhos e esforços não devidamente amplificados nas notícias (Kassova, 2020).

Vive-se em uma organização social em que a distribuição de poderes se dá em função de diferenças tidas como naturais e associadas a traços físicos e de temperamento, que relega às mulheres o



espaço doméstico e familiar, enquanto aos homens cabem os espaços públicos e de prestígio (Piscitelli, 2009). A construção de narrativas que contribuem para reforçar esses estereótipos colabora com estratégias que podem, de forma consciente ou inconsciente, intervir no curso dos acontecimentos e influenciar na forma de percepção do mundo, uma vez que a produção, a transmissão e a construção de significados de conteúdos simbólicos são formas de poder. (Temer; Santos, 2016).

Desigual também é o modo como as catástrofes afetam os indivíduos na sociedade. Há uma disparidade na forma como mulheres e homens são afetados por eventos extremos. São as mulheres, crianças e idosos que sofrem mais intensamente as consequências dos desastres, tendo em vista o maior grau de vulnerabilidade no qual se encontram (Neumayer, Plümper, 2007; Enarson, Morrow, 2000; Mayer et al 2008; Siena, Valencio, 2009). Um desastre se caracteriza por um impacto seja ambiental ou tecnológico que interrompe o funcionamento de uma comunidade e causa perdas humanas, materiais, econômicas e ambientais (UNISDR, 2015), porém o que confere a dimensão de uma tragédia é a vulnerabilidade do sistema no qual o desastre incide (Valencio, 2012).

Um acontecimento catastrófico, quando noticiado, se constitui em uma experiência vivenciada a partir de crenças e visões sociais de mundo, sendo a mídia importante elemento desse processo de configuração de sentidos (Amaral, 2013). Ao configurar a narrativa midiática, os jornalistas acionam sujeitos e escolhem enquadramentos a partir de referências profissionais e culturais das quais são constituídos.

As notícias são configuradas seguindo padrões que, por sua vez, são enquadrados em noções culturais pré-estabelecidas em um sistema simbólico operado pelo jornalismo (Bird; Dardenne, 1999), assim elas podem contribuir para a visibilidade ou para invisibilidade de sujeitos e situações. É o que acontece quando os impactos físicos e momentâneos dos desastres são os únicos apresentados nas coberturas jornalísticas, enquanto as consequências para as comunidades afetadas se perduram para além dos meses (Valencio, Valencio, 2017). Uma série de valores sociais e culturais fazem com que as questões e práticas que compõem o universo feminino sejam menosprezadas, inviabilizando um olhar e um conjunto de ações para atender às demandas



---

específicas das mulheres, esvaziando de sentido suas reivindicações (Siena; Valencio, 2009). Toma-se aqui o universo feminino como aqueles assuntos que são histórica e culturalmente vistos como relacionados à mulher, como o ambiente doméstico, os trabalhos que operam pela lógica da troca e os vínculos afetivos e o gênero a partir da perspectiva do binômio mulher/homem enquanto uma construção social que perpassa instâncias comportamentais e de poder e são hierarquizadas por meio de uma lógica masculinista (Montiel, 2013).

Ainda que os desastres, a gestão e a narrativa deles, sejam atravessados por questões de gênero, raça e classe, neste momento, pretende-se direcionar o olhar para a intersecção entre jornalismo e mulheres de uma forma ampla para buscar compreender como a estruturação social, baseada em uma hierarquia de valores, na qual os aspectos vinculados ao masculino são mais valorizados que os vinculados ao feminino, pode influenciar na cobertura jornalística de desastres.

Dito isso, este artigo propõe-se a fazer uma reflexão sobre como as mulheres e os assuntos ligados ao universo feminino são configurados nas coberturas jornalísticas de acontecimentos do tipo desastres. O objetivo é perceber os assuntos que viram pauta e ganham destaque na cobertura e como as mulheres são acionadas enquanto fontes jornalísticas. Para tal exercício, foram analisadas matérias publicadas no Portal UOL, durante a cobertura de um temporal no Rio de Janeiro, em abril de 2019, que causou deslizamentos, alagamentos e dez mortes. O caso é simbólico, pois retrata uma situação que afeta moradores de diversas cidades brasileiras todos os anos.

Metodologicamente, aplica-se a perspectiva hermenêutica do acontecimento (Quèré, 2005) como operador analítico, o que possibilita olhar empiricamente a cobertura realizada pelo portal para buscar reconhecer o impacto do acontecimento quando transformado em notícia (França; Lopes, 2017) e, assim, ampliar a compreensão dos sentidos que se movimentam a partir dele, bem como o entendimento a respeito da sociedade na qual ele se manifesta.

### **Acontecimento do tipo desastre e a cobertura jornalística**



O acontecimento, a partir de Louise Quèré (2012), assume duas dimensões de existência, ou “duas vidas”, a primeira, está ligada à dimensão pragmática que nos afeta empiricamente e a segunda, diz respeito à transformação do acontecimento em objeto simbólico pela linguagem, no caso em questão, em narrativa jornalística. O acontecimento interrompe uma rotina, causa uma quebra, uma ruptura. Ele acontece a alguém e sua extensão está conectada com o grau de afetação provocado (Quèré, 2005). Ainda que seja uma experiência vivida individualmente, ela está submetida às relações sociais, pelos valores do coletivo que ajudam a dar inteligibilidade e sentido às ações (França, 2012).

A partir do acontecimento passa-se a enxergar a realidade de outra forma, são criados outros sentidos para o passado, o presente e o futuro e busca-se respostas e alternativas do que pode ter provocado o acontecimento e do que pode se desenrolar a partir dele. O acontecimento é dotado de um poder hermenêutico (Quèré, 2005) que precisa ser compreendido e explicado “é suscitador de conhecimento. É capaz, inclusive, de modificar o passado; desvelar o não visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas” (França, 2012, p.13).

O poder hermenêutico do acontecimento pode ser utilizado para investigar os sentidos sociais que são produzidos e que circulam a partir de determinados acontecimentos, observados quando se cristalizam em conversas, reportagens, relatórios, estudos científicos. “Dessa maneira, é possível identificar o que foi evocado ou perturbado pelo acontecimento e quais seus desdobramentos, os horizontes que descortina e para onde ele aponta” (França; Lopes, 2017, p.77).

Sendo a mídia uma instituição central na qual a sociedade fala de si e para si (França, 2012), os acontecimentos por ela configurados podem ter uma continuidade no âmbito social, impactando desde a geração de outros acontecimentos até a promoção de políticas públicas para resolver problemas evidenciados por ele, ou podem se perder no meio de outros acontecimentos que passam a ganhar a destaque naquele momento seja pela novidade ou pela afetação.

Os desastres são um tipo de acontecimento que rompe a normalidade da vida cotidiana e afeta todos aqueles que, de alguma forma, vivenciam a experiência. A proporção dos desastres está relacionada com as consequências do acontecimento e a afetação das pessoas envolvidas, o que



tem ligação direta com a vulnerabilidade dos sistemas nos quais incidem. Ao transpor o acontecimento do tipo desastre para sua segunda vida, como notícia, a mídia se torna agente no processo de configuração dos sentidos do mesmo, o qual é vivenciado a partir de crenças, valores e visões de mundo compartilhadas socialmente. Nas coberturas jornalísticas dos acontecimentos de desastres,

a narrativa sobre um desastre não somente é prestadora de informações que podem salvar vidas, preservar ambientes e incentivar mitigações, mas também engendrar metanarrativas ou significações mais profundas e prefiguradas que nos dizem o que é um desastre, quais são suas causas, que vulnerabilidades o geraram, como devemos nos relacionar com nossos entornos e como devem agir os afetados e os diferentes campos sociais implicados (Amaral; Ascencio; Cristobal, 2020, p.128).

Dentre os aspectos que diferenciam a cobertura jornalística de desastre das demais, pode-se apontar as condições da prática jornalística para a apuração dos fatos em situações limite, uma vez que nas primeiras horas do eclodir do desastre, o jornalismo se atém a expor as consequências em detrimento das causas (Amaral, 2019).

O predomínio de um tom dramático na cobertura de desastres é comum, pois a mídia em geral circunscreve as coberturas ao relato dos efeitos individuais da tragédia, em muitos casos tendendo a um catastrofismo e ao sensacionalismo,

pela preponderância da imagem sobre a análise, pela personalização das vítimas e despersonalização na hora da depuração das responsabilidades. As questões ambientais são referenciadas muitas vezes de maneira redutora e a estrutura social que viabiliza as catástrofes costuma ficar silenciada, enquanto aspectos gerenciais são utilizados como chave explicativa (Amaral, 2016, p. 103).

Entretanto, Márcia Amaral e Carlos Ascencio (2016) apontam que não é a utilização de elementos dramáticos, como os testemunhos midiáticos emocionados, que provocam excessos nas coberturas, mas sim a cristalização da experiência pessoal por tempo demasiado sem que a reportagem amplie o singular presente no testemunho para abordar o particular de cada desastre. Esse movimento de ampliação possibilitaria uma contextualização e uma complexificação da cobertura para que se tivesse a possibilidade de instaurar um debate público a respeito do acontecimento. “Os problemas



da cobertura não estão no relato da emoção, mas na excessiva exposição de suas vítimas e testemunhos conjugada com a falta de dimensão do seu entorno (suas particularidades)” (Amaral; Ascencio, 2016, p. 253).

Outra característica da cobertura jornalística de desastres é a centralidade que as fontes ocupam para contribuir com a organização do acontecimento. Márcia Amaral (2015) aponta que o discurso jornalístico busca diferentes agentes sociais para tentar organizar o acontecimento e reconstituir os elementos do passado e do presente e que, para isso, cada fonte acionada na cobertura costuma ser mobilizada de forma a ocupar um papel específico em posições já delineadas e pré-estabelecida pela narrativa. As fontes nas coberturas de desastres são classificadas em três tipos por Márcia Amaral (2015), são elas: como autorizada/oficial; *expert* e testemunha.

Quanto às fontes autorizadas, ou oficiais, que representam instituições de poder, em geral são consultadas pelos jornalistas por terem uma credibilidade presumida, Márcia Amaral (2015) apontou que, nas coberturas de desastres, ao invés de tomarem decisões na hora da crise acabam por tergiversar. As fontes *experts*, aquelas com conhecimento especializado e competências específicas, costumam ser bastante acionadas em coberturas de desastres para explicar os fatos e ainda por suas declarações com teor opinativo, avaliativo e propositivo, o que faz com que elas determinem o enquadramento e pautem os questionamentos que devem ser feitos às autoridades. Assim, o discurso jornalístico utiliza as manifestações dos *experts* para "construir um conhecimento sobre o fato, como é recorrente, mas também para opinar de maneira crítica, questionando as fontes autorizadas, sobretudo aquelas ligadas ao Poder Público" (Amaral, 2015, p.48).

As vítimas, no discurso jornalístico de desastres, em geral, são acionadas enquanto fontes testemunhais que têm um papel fundamental na cobertura de desastres, pois cabe a elas descrever a situação que viu ou viveu e fornecer efeito de verdade à narrativa (Amaral, 2015). O papel das fontes testemunhais tem efeito de descrição e de veracidade, ainda que com características efêmeras, parciais e fragmentadas, trazem para a narrativa a dimensão humana dos acontecimentos, fazendo suscitar, em muitos casos, a identificação do público com as vítimas (Amaral, 2019). Márcia Amaral (2013) destaca ainda que o teor testemunhal pode estar diluído em



toda a matéria durante cobertura de catástrofes, presente no relato do jornalista que narra a história e na declaração de outros tipos de fontes como no caso das fontes do tipo experts (Amaral, 2013b).

Os depoimentos das fontes testemunhais costumam ser irregulares, desorganizados e parciais dando conta de uma perspectiva limitada do todo, partindo da experiência própria e compondo um relato que precisa ser acompanhado de outros, pois a vivência não é autoexplicativa e não basta ao relato jornalístico. A inclusão de fontes testemunhais é também estratégia para dar a ver o discurso como democrático e plural, abrindo espaço para pessoas que não possuíam outros atributos para serem acionadas enquanto fontes de informação. Todavia, a presença de numerosas fontes testemunhais não é necessariamente indício de um discurso polifônico, pois nem sempre a presença de vários atores sociais é sinônimo da inclusão de diferentes pontos de vista. Na maioria das vezes, os testemunhos aparecem para corroborar ou ampliar com a “tese defendida pela matéria jornalística” (Amaral, 2013, p. 189).

A forma como os sujeitos afetados são acionados pelo discurso jornalístico de desastres teria potencial político para ampliar o debate em torno de um problema coletivo, entretanto, como apontam Márcia Amaral e Carlos Ascencio (2016), esse potencial é, na maioria das vezes, interdito por fugir do padrão que se espera de como um depoimento de uma fonte testemunhal deve figurar no discurso jornalístico.

A narrativa jornalística traça os contornos normativos da sociedade, enquadra a sociedade em referências culturais pré-estabelecidas, delinea as fronteiras do certo e do errado, alerta para as punições e assim, além de informar, também ensina e orienta (Bird; Dardenne, 1999). As notícias evidenciam e definem quem são os heróis e os bandidos, quais são os fatos e os personagens que merecem visibilidade e quais vão permanecer invisíveis. Vera França (2012) destaca que os acontecimentos que viram pauta nos dizem muito sobre a sociedade na qual ele se dá, os valores que a regem e a maneira como exprime e cobra o cumprimento desses valores. Como pontua Fabiana Moraes (2015), o que se escreve, fala ou mostra, independentemente do meio de





publicação, “tem o poder de fomentar e cristalizar preconceitos e inverdades, e, por outro lado, de ajudar a desmontá-los ou, ao menos trincá-los” (Moraes, 2015 p.175).

A configuração narrativa se realiza em um processo dinâmico, que incide em um mundo prefigurado, compartilhado por emissor e receptor que, ao mesmo tempo, dialoga e rompe com esse mundo. Dialoga, pois nele está inserido e funciona como sujeito de memória e esquecimento e rompe no momento que produz um mundo próprio peculiar e distinto do qual veio. “Em outras palavras, todo narrar é um ato configurante, de produção e de realidade, de agenciamento peculiar de fatos, agentes, modos, atributos, etc.” (Leal, 2013, p. 37). A refiguração acontece quando o mundo do texto encontra o mundo social pela ação do receptor, que, por sua vez, deve reconhecer e atribuir sentido às relações configuradas da narrativa. A narratividade do texto jornalístico é mais do que um conjunto de procedimentos técnicos de escrita e não se limita à análise das textualidades, “mas as considera inseridas em uma historicidade, dotadas de vinculações sociais e como resultado de modos de produção institucionalizados” (Quadros, Nasi, Motta, 2017, p.36).

### **Mulheres e desastres**

A vulnerabilidade é um elemento socialmente construído e incorporado no cotidiano. Eric Neumayer e Thomas Plümper (2007), em pesquisa realizada em 141 países, apontaram que os desastres afetam principalmente mulheres e meninas, em especial aquelas com poucos recursos econômicos. Os autores apontam que, embora existam fatores biológicos relevantes para uma ação de fuga de situações de risco, como condicionamento físico para escapar de uma catástrofe e capacidade para sobreviver em condições de escassez de recursos, são as normas sociais que posicionam as mulheres em clara desvantagem para sobreviver aos desastres, pois os papéis sociais desempenhados por mulheres e homens derivam de uma distribuição desigual de poder entre eles. Após o Furacão Andrew, na Flórida (EUA), em 1992, os meios de comunicação, se concentravam em mostrar “mães chorosas e exaustas lutando para conseguir um balde de água potável para os filhos, ou ficando passivamente em uma fila para obter ajuda” (Enarson; Morrow, 2000, p.7), imagens que,



embora possam ser exploradas para buscar ajuda humanitária, reforçam as noções de subordinação das mulheres e diminuem o valor das habilidades instrumentais e o trabalho pró-ativo feminino. No período posterior ao Furacão Katrina, em New Orleans (EUA), em 2005, as perdas fora do eixo vítimas-resgatados pouco foram enfocadas por governos e meios de comunicação. Tidas como perdas invisíveis Mayer et al (2008) citam a criação de redes de mulheres para liderarem ações de reconstrução das áreas afetadas, as “Guerreiras do Katrina” não ganharam destaque pela cobertura da mídia local.

Quando sobrevivem aos desastres, as mulheres ficam suscetíveis a violências de outras ordens que são exacerbadas a partir da vivência de um evento extremo. Sarah Bradshaw e Maureen Fordham (2013, p.7) destacam que no contexto de desastres, a violência contra as mulheres vai além da física e sexual, mas também inclui incidentes de comportamento controlador e coercivo, exploração, diferentes privações, além de abusos psicológico, financeiro e emocional. Juliana Frandalozo (2015, p.176-177) exemplifica que, em uma situação de desastre, uma comunidade onde, por exemplo, existe tráfico de drogas, violência doméstica e abuso infantil como fatores de vulnerabilidade, terá esses problemas acentuados durante a resposta e transferidos para os abrigos temporários junto com a população desabrigada.”.

No Brasil, são inúmeras as condições que ampliam a probabilidade de grandes desastres, devido a vulnerabilidade social. Norma Valencio (2012) aponta que a cultura brasileira de naturalizar a burocracia do Estado, acrescida do impedimento das elites intelectuais em reconhecer o senso comum com importância social e como um repertório válido faz com que os agentes públicos exercitem formas de dominação pessoal e patrimonial, deixando de lado os princípios da administração pública, para utilizar os instrumentos legais apenas contra os cidadãos vítimas de desigualdades.

Aimée Montiel (2013) destaca que a sociedade brasileira, como as demais ocidentais, foi estruturada com base na oposição de valores entre masculino e feminino, colocando em posições contrárias mulheres e homens em suas capacidades e ações, julgando como triviais os temas morais da esfera doméstica associados ao cuidado e à comunidade, definindo as mulheres como



moralmente imaturas e sem capacidade para discutir assuntos públicos. Patrícia Mattos (2006) entende que os vínculos de dominação se realizam de forma relacional que se articulam não só em uma diferença de gênero, mas também de classe social e que, portanto, não é possível naturalizar as relações sociais que são muito mais ambíguas e complexas do que possam parecer. Contudo, a autora afirma que algumas instituições, entre elas a mídia, acabam por reproduzir uma essencialização dos papéis feminino e masculino ao relacioná-los com características inatas de ambos os gêneros.

Nos casos de desastres, as mulheres identificam e expressam as dimensões objetivas e subjetivas dos danos materiais e imateriais resultantes da perda da moradia e da possível desestruturação familiar. Historicamente é a mulher quem produz e mantém o núcleo familiar e toma para si a responsabilidade de manter os valores e crenças, além da moradia, tida como território de sociabilidade deste grupo (Siena; Valencio, 2009). Sarti (1994) afirma que, dentro de casa, se constituem os papéis centrais da organização familiar, o do homem pai de família e o da mulher dona de casa. Em uma relação de autoridade que se dá de forma complementar, mas hierárquica. No ambiente doméstico, a autoridade feminina também se vincula à valorização da mulher enquanto mãe. A função das mulheres na estrutura familiar também condiz com as ações tomadas por elas no pós-desastres, quando “as mulheres se dedicam, mais que os homens, à reconstrução e à assistência, como que extravasando para o espaço público seu fazer privado sem, no entanto, ameaçar as estruturas de poder” (Siena; Valencio, 2009, p.3).

Algumas atividades desempenhadas pelas mulheres são consideradas “trabalho de mulher”, por serem vistas como extensões de características naturais das mulheres (Mayer, 2014). A autora aponta três características utilizadas para definir a “feminização do trabalho”, são elas: quando a atividade está associada aos afazeres domésticos e cuidado com os filhos; trabalhos que enfatizam as performances associadas a servir e cuidar do outro; e aquelas funções que, embora exijam habilidade técnica para serem desempenhadas, são vistas como uma capacidade diretamente ligada ao gênero, por exemplo, aquelas que envolvem a necessidade de comunicação e interação social. Esse tipo de associação faz com que a sociedade espere que as mulheres não sejam remuneradas, nem reconhecidas por desempenhar tais funções.



Norma Valencio e Arthur Valencio (2017) apontam que as narrativas presentes nas mídias hegemônicas privilegiam as dimensões dos agentes físicos desencadeadores, como tempestades, enchentes, deslizamentos e as soluções técnicas baseadas nas ciências duras, como monitoramento do clima, implantação de sistemas de alertas recorrendo a um reducionismo interpretativo a respeito do desastre em foco. A cobertura jornalística, em geral, pouco enfoca os processos sociais que culminaram em tais desastres e os veículos se “mantêm focados na imprevisibilidade das forças da natureza ou em dramas individuais interpretados de um modo estereotipado. É como se o processo social implicado inexistisse” (Valencio; Valencio, 2017, p.168). Os autores destacam também que a atenção e o espaço para diferentes vozes são maiores quando os desastres afetam grupos sociais de extratos econômicos superiores, que quando acontecem em sistemas sociais já marginalizados.

As reportagens na cobertura de desastres costumam relacionar as mulheres com ações de caridade e outras atividades voluntárias que não ameacem as estruturas de poder dominadas pelos homens, afirmam Mariana Siena e Norma Valencio (2009). Essa hierarquia social de valores faz com que sejam menosprezadas as questões e práticas que compõem o universo feminino, inviabilizando um olhar e um conjunto de ações para atender às demandas específicas das mulheres, esvaziando de sentido suas reivindicações. As autoras se apoiam na perspectiva do sociólogo Pierre Bourdieu para relacionar o que é publicado na mídia com a estrutura social, baseada na dominação patriarcal, em que cabe ao homem realizar os atos breves, perigosos e espetaculares do lado de fora de casa, e às mulheres cabem os trabalhos invisíveis e que constituem a rotina doméstica, além de estarem submetidas a um processo de socialização que tende a reconhecê-las sempre como vítimas, vulneráveis, dependentes dos homens nos momentos críticos.

### **Metodologia e *corpus* de análise**

Todos os anos, no Brasil, são registrados eventos extremos que resultam em desastres. Os mais comuns associados a fenômenos da natureza como tempestades, ciclones, secas, mas não sendo exclusivos, tendo o registro recente de desastres ligados ao rompimento de barragens de rejeitos



de mineração e vazamento de óleo no mar (Amaral; Ascencio; Cristobal, 2020). Como consequência, tem-se constantes casos de mortes, desaparecimentos, inundações, deslizamentos, desmoronamentos, além de danos ambientais em diversas cidades do país, em maior ou menor grau.

No Rio de Janeiro, entre a noite de 8 e o dia 14 de abril de 2019, no período chuvoso anual, fortes temporais aliados a fatores antrópicos, resultaram na morte de dez pessoas, inúmeras desabrigadas e estragos pela cidade. O evento foi tratado pelas autoridades como um caso de “estágio de crise” o mais grave na classificação do Alerta Rio da Prefeitura do Rio de Janeiro, sistema que monitora as condições meteorológicas da cidade e emite alertas quando há previsão de chuvas intensas. Esse tipo de situação de emergência é conceituado como um desastre de menor dimensão que resulta em danos suportáveis pela comunidade afetada (Brasil, 2007). Porém, Norma Valencio e Arthur Valencio (2017, p.173) destacam que esses danos, no geral, “não são assim tão suportáveis aos grupos afetados, que não conseguem se reabilitar e se recuperar a contento”.

O objetivo deste artigo é identificar, a partir do acontecimento citado, quais os assuntos se tornaram pauta na cobertura jornalística e como as mulheres foram acionadas como fontes na narrativa. Como objeto empírico, este artigo analisa 28 matérias da cobertura realizada pelo Portal UOL - Universo Online, entre os dias 9 e 11 de abril. O recorte temporal foi definido desse modo, pois no dia 12 de abril, dois prédios, construídos clandestinamente, desabaram no Rio de Janeiro, matando 25 pessoas, o que desviou o foco da cobertura da chuva.

O Portal UOL (Universo Online) foi escolhido por ser um dos meios de grande volume de publicação de notícias nacionais. O UOL pertence ao Grupo Folha, surgiu em 1996 e foi pioneiro em portais de conteúdo no país, com cerca de 114 milhões de visitantes por mês [3] e está entre os portais de notícias detentores das maiores audiências no contexto brasileiro (Conde, 2018).

Não obstante Mariana Conde (2018) aponte que as características do jornalismo para web como instantaneidade e atualização contínua imprimam um ritmo mais ágil à produção de notícias publicadas online, José Amorim (2012) afirma que, apesar da pressa, os jornalistas devem prezar pelas



regras básicas do bom jornalismo, que são: exatidão e precisão dos dados; identificar fontes; evitar os conflitos de interesse; publicar histórias em que prevaleça o interesse público; ouvir as diversas partes envolvidas; corrigir erros; ordenar a avalanche de informações; interpretá-las e contextualizá-las (Amorim, 2012, p.407).

Para a investigação que se propõe no presente artigo, foi desenvolvido um protocolo em que cada notícia foi analisada de acordo com dois aspectos: os tipos de impactos que deram origem às pautas e as fontes acionadas na construção da narrativa. Utilizou-se também o software de análise de dados, Atlas.ti, para fazer a categorização das fontes e do teor das citações. Tem-se, nesta pesquisa, a intenção de olhar para como as mulheres são configuradas na cobertura jornalística de desastres.

### **As mulheres na narrativa jornalística de desastres**

Quando há a ocorrência de um evento extremo de chuva em uma cidade, como o caso em questão, os estragos podem ser estruturais que atingem um maior número de moradores de forma momentânea, como pontos de alagamentos e rodovias interditadas, que são tipos de implicações que resultam em uma desordem no funcionamento da cidade e até podem perdurar por mais dias, como o caso de estruturas danificadas, mas que são uma perturbação temporária que não faz mais que alterar a rotina da população.

Outra consequência das fortes chuvas são os danos sociais que afetam as pessoas que moram em lugares de vulnerabilidade, ou seja, as que estão sujeitas a perderem não só a vida, mas também os bens materiais devido a deslizamentos e desmoronamentos de terra e o alagamento da casa e, assim, ter uma desestruturação mais profunda da dinâmica familiar. Esses são aspectos ligados ao âmbito social dos desastres, estão ligados ao que Mariana Siena e Norma Valencio (2009) consideram como universo de domínio das mulheres. “Os desastres desmancham as rotinas e, muitas vezes, os meios necessários aos mínimos vitais e sociais da família, sendo a mulher a encarregada de cumprir vários papéis associados a tais rotinas” (Siena; Valencia, 2009, p.6)

Além disso, quando há um tipo de emergência social, os órgãos públicos responsáveis pelo socorro às vítimas são acionados para que possam realocar pessoas atingidas e distribuir alimentos e



produtos de higiene pessoal. Mas também há formação de redes de solidariedade informal, criadas entre vizinhos e familiares para ajudar, dar abrigo temporário, cuidar das crianças e idosos e reestruturar as comunidades atingidas. São aspectos que também podem ser considerados como de domínio das mulheres, uma vez que, estão associados a habilidades inatas femininas o que faz com que não sejam vistas como dignas de remuneração ou reconhecimento (Mayer, 2014).

A partir do referencial teórico mobilizado para este artigo, as 28 matérias analisadas foram categorizadas em quatro grupos a partir da identificação do assunto principal de cada uma. A nomenclatura foi atribuída pelas autoras como forma de agrupar as matérias de acordo com os temas de cada uma, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Categorização das notícias de acordo com o assunto.

Categoria	Descrição	Número de notícias
Infraestrutura	São enfatizados os problemas e transtornos urbanos como ruas e avenidas alagadas e deslizamentos de terra.	10
Aspectos Sociais	O foco é nos aspectos sociais como o número e nome das vítimas fatais, relações de cuidado com a família e o afeto direcionado ao outro.	11
Evento climático	Quando a pauta aborda dados técnicos sobre os níveis de chuva e o estado de alerta para regiões da cidade.	2
Outros	O acontecimento é utilizado de gancho para falar sobre outro assunto.	5

Fonte: Elaboração das autoras.

Nas dez matérias de Infraestrutura, em que o assunto principal são os transtornos causados aos moradores do Rio de Janeiro, são listados os problemas de modo a fornecer um panorama amplo dos estragos em diferentes pontos da cidade. No dia 9 de abril, a notícia “Ciclovias cai, hospital alaga, carros arrastados: os estragos da chuva no RJ” busca dar a dimensão do acontecimento, ao mesmo



tempo que desconsidera os prejuízos para as famílias que devem ter sido diretamente afetadas pelos alagamentos e desmoronamentos. Como na publicação do dia 10, “Após temporal que matou 10, Rio ainda tem ruas interditadas e deslizamentos”, em que cita as vítimas fatais, mas a maior parte da narrativa destaca vias interditadas, ameaças de deslizamento, clientes sem luz e transporte prejudicado.

Embora a cobertura tenha enfatizado a recorrência, tanto dos estragos como das justificativas oferecidas pelas autoridades, como se percebe nas reportagens “Pela 4ª vez, ciclovia cai no Rio; Crivella lamenta “imprevistos”” do dia 9 e na do dia 10, “Tragédia repetida, fala repetida: o que Crivella disse em fevereiro e agora” em nenhuma notícia é levantado um debate que pudesse complexificar o problema, incentivar a busca por respostas e a cobrança por atitudes por parte das instituições responsáveis. A série de matérias trata o acontecimento como um fato isolado e não como parte integrante de um problema crônico (Valencio; Valencio, 2017) que atinge a cidade.

Entre as onze reportagens que foram categorizadas em Aspectos Sociais, embora representem o maior número de ocorrências nesta classificação, elas se limitam a apresentar atualizações do número de vítimas fatais ou traçar um perfil breve de algumas das pessoas mortas, mas não se aprofundam nos aspectos que fizeram com que as famílias atingidas estivessem em situação de vulnerabilidade, nem nas consequências para elas. As matérias que tratam das dimensões sociais do desastre falam sobre cuidado com o outro, sobre perdas de entes queridos, sobre a desestruturação familiar, mas não vão além da apresentação dos fatos, muitas vezes tendo a narrativa configurada em torno de personagens específicos. Nessa cobertura, não há matérias que mencionem a condição das famílias desabrigadas, nem que recupere a situação das famílias que foram desalojadas no temporal anterior, em fevereiro, que é citado para falar de estragos na ciclovia.

Uma das matérias evidencia elementos ligados ao universo feminino como cuidado com os filhos, preocupação com a integridade física e psicológica e a solidariedade entre mães. Na reportagem publicada no dia 10 “Restaurante no Jardim Botânico expulsa mãe e bebê de três meses durante temporal”, a narrativa revela aspectos de fragilidade da personagem diante da situação e





dependência do apoio familiar, como nos trechos “Ainda sem bateria no celular, pediu que o marido ligasse no telefone fixo do restaurante e chorou, sem saber o que fazer ou para onde ir”, “A saga só acabou às 3h, quando o marido da psicóloga conseguiu buscar as duas para voltar para casa.”. Na citação, Flávia fala sobre a falta de amparo sofrido pelas mães “(...) não só em dias de temporal, mas no dia a dia, porque a gente se sente invisível”. A frase, ao mesmo tempo em que descortina um campo problemático envolvendo as mães, reforça a essencialização da mulher como vulnerável e da figura materna como a responsável principal pelos filhos.

A reportagem enfatiza um drama pessoal que se passa na zona sul do Rio de Janeiro, região nobre da cidade, embora as notícias tragam indícios de que as chuvas podem ter impactado de forma bem mais severa mães e filhos moradores de regiões mais pobres, como na notícia do dia 9, “Sirenes não tocaram em local onde duas pessoas morreram no Rio” e que a dimensão do problema é narrada por meio da citação do prefeito “Crivella reforçou que quinze comunidades continuavam em estágio de alerta na manhã de hoje.”.

A situação das famílias atingidas é ligeiramente citada em uma reportagem que tem como foco o desabafo, em tom testemunhal, sobre trabalho intenso na cobertura do desastre, feito por um repórter de uma emissora de televisão. A matéria, do UOL, no dia 10, intitulada ““Cobertura marcante”, diz repórter da Globo após horas debaixo de chuva”, destaca a publicação do jornalista feita em uma rede social na qual ele escreveu ““Dias como o de ontem e o de hoje são muito tristes. Dez pessoas perderam as vidas com as chuvas no Rio. Outras dezenas perderam tudo o que tinham: móveis, eletrodomésticos, objetos pessoais, roupas. (...) escreveu ele [o repórter] ontem no Instagram”. Essa matéria foi classificada, pelas autoras, na categoria Outros, pois embora tenha como gancho a chuva, o tema central é o cansaço do jornalista. Percebe-se então que o desgaste do profissional realizando o trabalho de cobertura do fato causou mais afetação do público do que a situação de pessoas que possam ter perdido familiares e moradia após a chuva.

Nenhuma matéria, ao longo dos três dias de cobertura, complexifica ou aprofunda a narrativa sobre as causas ou as consequências do temporal. Nem mesmo no terceiro dia, que se pode considerar como tendo passado o auge da cobertura factual, uma vez que o temporal cessou, a situação das



famílias atingidas foi abordada com profundidade. Márcia Amaral, Carlos Ascencio e Esther Cristobal (2020) explicam que os impactos que são enfatizados e a forma como são inseridos na narrativa cristalizam os valores-notícia fundamentais na cultura jornalística, aqueles em que se privilegia o singular e o atual.

A narrativa também escolhe os heróis a serem admirados, um deles é Varlei. Na notícia do dia 11, ““Aqui para ajudar”: quem é o homem que ajudou idosa a atravessar enchente” o assunto virou notícia depois que vídeos com o momento em que ele ajuda uma senhora a atravessar a rua sem se molhar circularam na internet. A manchete faz parecer que a ajuda se tratou de um caso isolado, a uma mulher de idade, mas no corpo da notícia, o próprio Capoeira destaca que ajuda a todos "Foram várias senhoras que eu ajudei. Todas as senhoras de idade e que não sejam de idade que estavam passando, eu tive cuidado para não cair na água. Até senhores."

A notícia segue, destacando que, apesar de ajudar as pessoas, ele também precisa de ajuda. A narrativa conta brevemente a história dele, que mora com o filho de favor na casa da irmã. "Quando eu brigo com a minha irmã, quem tem que sair sou eu, que ela toma conta do meu filho. Durmo na pista, na praça, nos carros, durmo pelos cantos", diz Capoeira na reportagem. Embora se busque dar visibilidade ao fato de que ele é um pai responsável pelo filho, a fala do homem revela que ele não desempenha essa função sozinho, pois conta com a ajuda da irmã, o que possibilita que ele mantenha a própria independência no modo de agir e viver.

No mesmo dia, outro herói é configurado pela cobertura. A notícia “Vaquinha para homem que ajudou idosa após chuvas no RJ mais que dobra meta” destaca que um outro homem agora vai ajudar àquele que ajuda os outros. A matéria traz a iniciativa de Vicente Carvalho, criador do site Razões para Acreditar, e destaca o que motivou a ação “Quando ficou sabendo que o homem morava de favor com o filho Darlei Espírito Santo, 10, criou ontem um financiamento coletivo para que Capoeira consiga construir uma casa.”. A mesma notícia mostra que os dois moram com a irmã de Capoeira “com os seis filhos dela em um barraco”. Contudo, apesar de ela ter seis filhos e morar em uma habitação inapropriada, não há menção de ajudar a mulher que, muitas vezes, também é responsável por cuidar do filho de Capoeira. Dessa maneira, a narrativa direciona a compreensão



para as atitudes que são admiráveis e aquelas que são triviais, quem são as pessoas que merecem ou não reconhecimento por suas atitudes.

### **Mulheres como fontes jornalísticas**

Acerca do acionamento das fontes, nas 28 reportagens, foram citadas 47 pessoas como fontes de informação, sendo em 17 casos mulheres e em 30, homens. Cabe destacar que, o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella foi fonte 11 vezes e o governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, foi repetido como fonte duas vezes. O jogador do Flamengo que era tio de uma vítima foi acionado duas vezes e o cuidador de carros que foi pauta na cobertura, também foi fonte em duas matérias. Quanto às fontes mulheres, a filha de uma das vítimas é citada em três reportagens, embora seja creditada com nome e sobrenome em apenas uma delas. Outras fontes são citadas nas reportagens, como órgãos ligados à prefeitura, bombeiros e institutos de meteorologia, contudo, nos interessa aqui analisar as pessoas que são identificadas nominalmente possibilitando a se fazer a distinção entre mulheres e homens.

Ao categorizarmos as fontes (Amaral, 2015) de acordo com a forma como foram acionadas nas notícias e o gênero contabilizamos que, os homens são acionados duas vezes como fonte *experts*, 13 como autorizadas/oficiais e 15 como testemunhas. As mulheres são acionadas apenas uma vez como fonte autorizada/oficial, 16 vezes como testemunhas e nenhuma vez como *expert* (Figura 2).

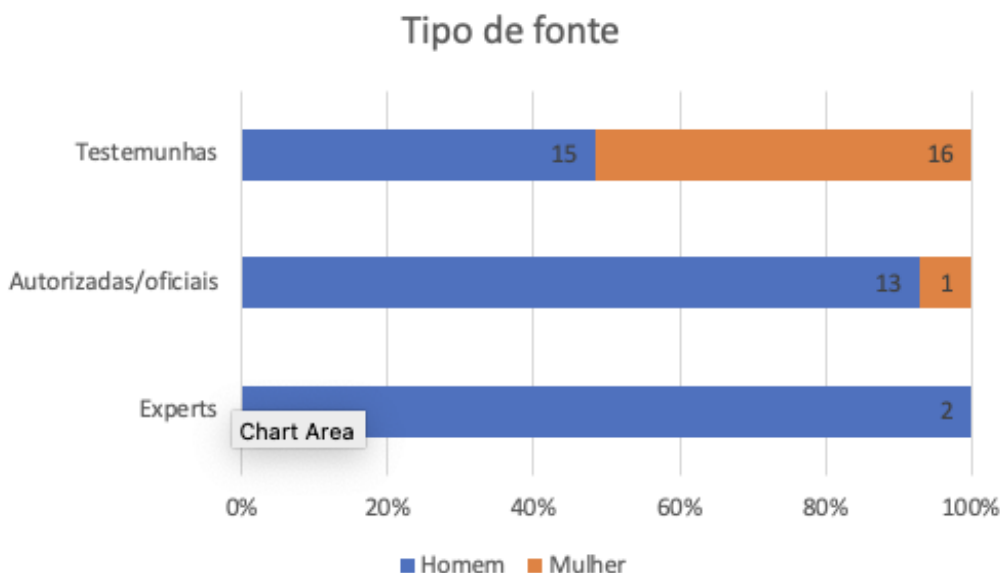


Figura 2- Categorização das fontes por tipo e gênero

A única mulher citada como fonte autorizada/oficial, o tipo que representa instituições de poder e é consultada pelos jornalistas pelo grau de credibilidade nas coberturas de desastres (Amaral, 2015) é a defensora pública Maria Júlia Miranda, que ocupa o cargo de Coordenadora do Núcleo de Terras e Habitações é citada na reportagem “Justiça dá 72 horas para Prefeitura do Rio informar ações após temporal”, do dia 10 de abril e que apenas é acionada com efeito declaratório.

Nenhuma mulher é acionada como *expert*, as fontes convocadas a falar devido ao conhecimento especializado, em geral, acionadas para elucidar o fato, opinar de maneira crítica e até questionar as fontes autorizadas/oficiais (Amaral, 2015). Vale destacar, entretanto, que em apenas uma reportagem uma fonte *expert* é citada para falar especificamente do desastre, um meteorologista, o que reflete a falta de aprofundamento na cobertura. A outra fonte *expert* citada em uma reportagem é acionada para esclarecer outro tema, um advogado que fala sobre os direitos dos trabalhadores que perderam o emprego devido aos transtornos da chuva.

A maioria das mulheres, portanto, é acionada enquanto fonte testemunhal, aquelas que foram mobilizadas para relatar uma percepção, uma vivência ou experiência sobre o acontecimento em



questão, ou para falar sobre as vítimas fatais do desastre. Nessa configuração, as mulheres aparecem em cinco matérias, totalizando 16 fontes citadas. As fontes testemunhais são fundamentais na cobertura de desastres, pois conferem veracidade à narrativa, e suas falas que costumam ser da ordem da emoção do desespero, do sofrimento e da busca de solução individual (Amaral, 2015, 2019). Características semelhantes àquelas atreladas às mulheres como uma condição do gênero e essencializadas na figura das mulheres como sendo seres guiados pelo coração, pelas emoções e pelos sentimentos (Mattos, 2006).

Na reportagem, “RJ: filha de morta em temporal diz que tragédia “poderia ter sido evitada””, do dia 9 de abril, a filha da vítima é acionada como fonte para falar da morte da mãe e da tia. Apesar de compor a manchete da matéria, ela não tem nome nem sobrenome referenciados na matéria, porém ela é acionada em outras notícias e, pelo contexto, é possível identificar que se trata de Ingrid Magalhães. A jovem de 22 anos, além de relatar como a morte teria acontecido também reivindica justiça. “Tem pessoas que estão sem casa, sem poder voltar para casa, tem crianças que foram soterradas e eu queria que houvesse justiça para essas famílias”. A narrativa configura a fala de Ingrid como fonte testemunhal, mas que assume um papel de crítica, revelando-se portadora de um potencial político para denunciar problemas sociais que afligem as famílias moradoras de determinadas regiões, porém o assunto não é levado adiante pela cobertura que não problematiza os fatos citados por ela e nem mesmo apresenta um contraponto das autoridades na mesma página.

Em outra reportagem, no dia 10 de abril, a mesma família volta ser pauta. Em ““Vem morar comigo”: o apelo da irmã na última conversa com morto no Rio” três mulheres falam sobre Gilson dos Santos que morreu soterrado no Morro da Babilônia depois do temporal. Uma senhora de 74 anos, com quem Gilson morava, Maria Nilza, perdeu duas filhas (Gerlane e Doralice) no mesmo deslizamento de terra, mas foi acionada na reportagem para falar sobre ele. O mesmo acontece com a filha de uma das mulheres mortas, Ingrid Magalhães, que então é identificada com nome e sobrenome, que aparece na reportagem também para destacar o perfil de Gilson “Ele era carinhoso e estava sempre alegre”, colaborando para enfatizar a injustiça de uma morte de alguém que merecia viver e configurando a narrativa como solidária ao sofrimento de quem perde entes queridos em acontecimentos de desastres. No temporal, foram registradas dez mortes, mas poucas foram



relatadas em detalhe na cobertura. Ao individualizar a história de Gilson, a narrativa generaliza as demais, dando por completa a função jornalística de, por meio de alguns personagens, falar por todas as vítimas.

Outras duas vítimas que receberam destaque pelo portal UOL foram avó e neta (Lúcia e Julia) mortas em um desmoronamento de terra que soterrou o táxi onde elas estavam quando voltavam de um shopping na zona sul do Rio de Janeiro. O fato foi acompanhado ao longo dos dias 9 e 10. Em três matérias, avó e neta tiveram as fotos publicadas mais de uma vez, jornalistas acompanharam o velório e conversaram com familiares e amigos. Na reportagem do dia 10, “Avó e neta mortas pela chuva no Rio são enterradas: família cita indignação” a narrativa traz a fala de Rodinei, jogador do Flamengo e tio de uma das vítimas: “O governo e a prefeitura têm que fazer mudança. Até quando vamos perder parentes?”; ao dar destaque a fala, a narrativa evoca uma generalização do sentimento de vulnerabilidade e urgência de intervenção, que é feita por um homem, que socialmente tem a responsabilidade de fazer a mediação da família com o mundo externo (Sarti, 1994). Nesse caso, deve se considerar que ele pode ter sido uma fonte de mais fácil acesso para a repórter que cobria o enterro, por se tratar de um jogador de futebol e pela comoção familiar em situações de sepultamentos.

Mulheres são acionadas como fontes testemunhais também na reportagem “Ciclovias cai, hospital alaga, carros arrastados: os estragos da chuva no RJ” do dia 9 de abril. Para dar a dimensão do impacto do temporal e a ideia de pluralidade ao discurso, são utilizadas publicações feitas na rede social Twitter. São oito postagens feitas por pessoas de diferentes regiões da cidade. Dessas, sete são mulheres que denunciam alagamentos e inundações. O teor das publicações tem a função de não só de descrever os problemas na cidade, mas também de conferir o aspecto de indignação com trechos como “revoltante”, “lastimável”, “absurdo” e ainda de evocar as responsabilidades “Esses estragos têm culpados que devem ser responsabilizados e o principal deles foi vergonhosamente eleito. #ForaCrivella #ChuvaRJ”. Mais uma vez, a fala das mulheres assume um tom de denúncia e a reportagem parece ignorar as reivindicações, uma vez que não busca respostas dos governantes, se eximindo da responsabilidade de falar em nome da sociedade e de repercutir em profundidade os aspectos levantados nas redes sociais.



Dessa forma, percebe-se que figuras femininas foram acionadas em menor número na narrativa jornalística da cobertura das chuvas de abril de 2019, no Rio de Janeiro. Quando convocadas, foram configuradas majoritariamente como fontes testemunhais (94%) que, embora tenham importância na cobertura de desastres, são acionadas pelo viés da emoção do desabafo e não de efetiva mobilização.

### **Considerações finais**

Ao mesmo tempo em que a cobertura dos efeitos do temporal em abril de 2019, no Rio de Janeiro, denomina o acontecimento como “tragédia”, “caos”, “estado de crise”, em alguns momentos, ela o configura como um caso considerado rotineiro, publicando as matérias na editoria “Cotidiano”. Por se tratar de uma cobertura corriqueira, e muito provavelmente justamente por isso, os jornalistas colocam em prática o conhecimento já apreendido de como fazer uma cobertura de desastres, acionando protocolos de cobertura, as mesmas fontes de informação com que estão habituados a lidar e buscando os assuntos com os quais estão acostumados com o objetivo de viabilizar a cobertura de eventos extremos, além de procurar um diferencial que se destaque naquele acontecimento, para que se possa chamar a atenção dos leitores. Pelos mesmos motivos, a configuração da narrativa evoca sentidos naturalizados na sociedade tanto sobre os desastres quanto sobre as relações sociais, contribuindo para reforçar a imagem e a compreensão que se tem da dinâmica social, dos papéis de mulheres e homens e das relações de poder.

Ao se acionar o poder hermenêutico do acontecimento, foi possível perceber que a cobertura reforça a noção de normalidade do acontecimento, transformando em matéria eventos episódicos que chamam mais a atenção pela singularidade que pela relação direta com o desastre. Os assuntos que viraram pauta estão relacionados, em sua maioria, com as dimensões físicas do temporal e as consequências para os moradores de bairros nobres, focando em transtornos momentâneos como a interrupção de vias e pontos de alagamento e fazendo quase que um inventário de vítimas fatais. E, ainda que esses eventos tratem de fatos que se repetem a cada chuva, como a própria narrativa



deixa claro, a cobertura jornalística não se preocupa em complexificar o debate ou a cobrança de autoridades.

As notícias que abordam as consequências às famílias moradoras de regiões pobres são poucas e superficiais, aparecem em breves relatos de fontes testemunhais. Nenhuma matéria se aprofunda nas perdas materiais e simbólicas resultantes das chuvas e dos desabamentos e nem sequer são mencionados os abrigos para onde as pessoas poderiam ter sido levadas. Sem serem abordados os assuntos que podem ser associados com o universo de domínio feminino se cria uma invisibilidade aos aspectos relacionados a elas, interditando a possibilidade de virarem pautas de interesse público. Além disso, as notícias que destacam individualmente personagens da narrativa, falam de homens que tiveram atos configurados como dignos de atenção, ou mulheres que ficaram em situação de fragilidade e dependência.

Enquanto fontes, as mulheres são acionadas principalmente como testemunhas, afetadas ou vítimas tendo a voz configurada na narrativa para reivindicar direitos como amparo para as mães, justiça para as famílias, ou apontando a falta de responsabilidade dos governantes, mas os apelos não foram considerados dignos de serem levados adiante na cobertura.

O fato de apenas uma mulher ser acionada como fonte autorizada/oficial pode levar a justificativa de que se tem uma predominância de homens ocupando cargos públicos o que, todavia, evidencia a estrutura social que faz com que exista essa falta de equidade nos postos de decisão. Sendo uma questão que perpassa diferentes instâncias sociais, como pesquisadoras do Jornalismo, cabe a nós refletir sobre como a narrativa jornalística contribui para reforçar padrões e estereótipos, uma vez que essa opera em um mundo prefigurado, compartilhado por todos e constantemente repetido.

Por fim, destacamos a potencialidade de se ampliar esta investigação para uma análise interseccional, incluindo outros marcadores sociais que mobilizam sistemas de opressão, como classe e raça (Biroli e Miguel, 2015). Conforme apontam Guilherme Libardi e Nilda Jacks (2020) e Laura Correa (2018), a reflexão a partir de uma perspectiva interseccional é um caminho para tornar estudos e práticas mais inclusivos considerando fatores que, quando combinados, alteram as





dinâmicas sociais, focando também, como afirma Djamila Ribeiro (2017), em fugir de análises simplistas e que possam contribuir para se romper com a tentação de universalidade que exclui.

## Bibliografia

ALMEIDA, Pauline. **Avó e neta mortas pela chuva no Rio são enterradas: família cita indignação**. UOL – Universo Online, 10 abr. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/10/avo-e-nega-mortas-pela-chuva-no-rio-sao-enterradas-familia-cita-indignacao.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

ALMEIDA, Pauline. **Restaurante no Jardim Botânico expulsa mãe e bebê de três meses durante temporal**. UOL – Universo Online, 10 abr. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/10/restaurante-expulsa-mae-e-bebe-de-tres-meses-durante-temporal-no-rio.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

AMARAL, Márcia; ASCENCIO, Carlos; CRISTOBAL, Esther. Indicadores para análise das narrativas jornalísticas sobre desastres: em busca de invisibilidades e saliências. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 144, 2020.

AMARAL, Márcia; LOZANO ASCENCIO, Carlos. Palavras que dão a volta ao mundo: a personalização das catástrofes na mídia. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 130, 2016.

AMARAL, Márcia. A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais a sujeitos discursivos. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 15, n. 3, p. 182–190, 2013a.

AMARAL, Márcia. Especificidades da cobertura das catástrofes ambientais nas revistas semanais brasileiras: das fontes jornalísticas à construção dos sentidos. **Relatório de pesquisa CNPq - Edital Produtividade em Pesquisa**, 2016.

AMARAL, Márcia. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. **Líbero**, v. 18, n. 36, p. 43–54, 2015.

AMARAL, Márcia. Os testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras: do medo individual à patemização midiática. **Contracampo**, v. 26, 2013b.



AMARAL, Márcia. Periodismo: de los desastres a las vulnerabilidades y los riesgos. In: AMARAL, M., ASCENCIO, C.L. (coords.). **Periodismo y desastres: múltiples miradas**. EditorialUOC, Barcelona, 2019.

AMORIM, José Salomão. O impacto das inovações tecnológicas e das mídias digitais na concepção da prática do jornalismo. In: In: MOUILLAUD, Maurice, e PORTO, Sérgio (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2012.

BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert. Mito, Registros e “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, e “estórias”**. Lisboa: Vega, 2 ed., 1999. p.263-288

BIROLI, Flavia; MIGUEL, Luis Felipe. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **MEDIAÇÕES**, Londrina, V. 20 N. 2, P. 27-55, JUL./DEZ. 2015.

BORGES, Stella. **Justiça dá 72 horas para Prefeitura do Rio informar ações após temporal**. UOL – Universo Online, 10 abr. 2019. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/10/defensoria-chuvas.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

BORGES, Stella. **Ciclovía cai, hospital alaga, carros arrastados: os estragos da chuva no RJ**. UOL – Universo Online, 9 abr. 2019. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/09/chuvas-no-rio-de-janeiro.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

BRADSHAW, Sarah; FORDHAM, Maureen. **WOMEN, GIRLS AND DISASTERS A review for DFID**. 2013.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Manual para a Decretação de Situação de Emergência ou de Estado de Calamidade Pública**. Brasília: Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007.

CONDE, Mariana. **Temas em jornalismo digital: histórico e perspectivas**. Curitiba: InterSaberes, 2018.

CORREA, Laura Guimarães et al. Entre o interacional e o interseccional: contribuições teórico-conceituais de intelectuais negras para pensar a comunicação. **Eco-Pós**, 2018.

ENARSON, ELAINE; MORROW, Betty. ¿Por qué “género”? ¿Por qué “mujeres”? **Laboratory for Social and Behavioral Research**, p. 1–8, 2000.

FRANÇA, Vera; LOPES, Suzana. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes (ONLINE)**, v. 11, p. 71-87, 2017.



FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galáxia** (São Paulo. Online), v. 12, p. 1-12, 2012.

FRANDALOZO, Juliana. A redução de vulnerabilidades como estratégia no enfrentamento de desastres. **Razón y Palabra**. n.91, p. 170-186. set./nov., 2015.

KASSOVA, Luba. The Missing Perspectives of Women in COVID-19 News. **A special report on women's under-representation in news media**. 2020.

LEAL, Bruno. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 25-48.

LEITE, Marcela; VILELA, Taís. **“Aqui para ajudar”: quem é o homem que ajudou idosa a atravessar enchente**. UOL – Universo Online, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/11/estou-aqui-para-ajudar-diz-homem-que-ajudou-idosa-a-atravesar-enchente.htm>. Acesso em: 2 ago. 2023.

LEITE, Marcela. **Tragédia repetida, fala repetida: o que Crivella disse em fevereiro e agora**. UOL – Universo Online, 10 abr. 2019. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/10/crivella-chuvas-rio.htm> >. Acesso em: 2 ago. 2023.

LEITE, Marcela. **Vaquinha para homem que ajudou idosa após chuvas no RJ mais que dobra meta**. UOL – Universo Online, 11 abr. 2019. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/11/vaquinha-para-homem-que-ajudou-idosa-apos-chuvas-no-rj-passa-dobro-da-meta.htm> >. Acesso em: 2 ago. 2023.

LEMOS, Marcela; LOPES, Nathan. **Pela 4º vez, ciclovía cai no Rio: Crivella lamenta “imprevistos”**. UOL – Universo Online, 9 abr. 2019. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/09/ciclovía-trecho-queda-quarta-vez.htm> >. Acesso em: 2 ago. 2023.

LIBARDI, Guilherme; JACKS, Nilda. Interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica: apontamentos para a pesquisa de recepção e consumo midiático. **Signos do Consumo**, São Paulo, 12 (2), 2020.

MATTOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, J. (Ed.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Editora UF ed. Belo Horizonte: [s.n.]. p. 153–196.



MAYER, VICKI; WILLINGER, BETH; JENKINS, PAMELA; TUCKER, S. Losing Ground but Finding the High Road: Teaching Women’s Studies in Post- Katrina New Orleans. **Feminist Formations**, v. 20, n. 3, p. 185–192, 2008.

MAYER, Vicki. To communicate is human; to chat is female. In: CARTER, C.STEINER, Linda; MCLAUGHLIN, L. **The Routledge companion to media and gender**. Routledge, 2014.

MONTIEL, Aimée. Ética Feminista E Comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, p. 3–18, 2013.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joyce**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015

NEUMAYER, Eric.; PLÜMPER, Thomas. The gendered nature of natural disasters: The impact of catastrophic events on the gender gap in life Expectancy, 1981-2002. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 97, n. 3, p. 551–566, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa; SZWAKO, José. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis, 2009.

QUADROS, Miriam; NASI, Lara; MOTTA, Juliana. Jornalismo e narrativa: aspectos do estado da arte das pesquisas no Brasil. In: SOSTER, D. A.; PICCININ, F. Q. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, p. 36-46, 2017.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, 2005. p. 59-75.

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento. Por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera R.V., OLIVEIRA, Luciana (orgs). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

QUIERATI, Luciana. **“Vem morar comigo”: o apelo da irmã na última conversa com morto no Rio**”. UOL – Universo Online, 10 abr. 2019. Disponível em:< <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/10/vem-morar-comigo-o-apelo-da-irma-na-ultima-conversa-com-morto-no-rio.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Marcela. **“Cobertura marcante”, diz repórter da Globo após horas debaixo de chuva**. UOL – Universo Online, 10 abr. 2019. Disponível em:< <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/10/cobertura-marcante-diz-reporter-da-globo-apos-horas-debaixo-de-chuva.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2023.



---

SABÓIA, Gabriel; LEMOS, Marcela. **Sirenes não tocaram em local onde duas pessoas morreram no Rio**. UOL – Universo Online, 9 abr. 2019. Disponível em:< <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/09/sirenes-nao-tocaram-em-local-onde-duas-pessoas-morreram-no-rio.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo**. [s.l.] Univerdsidade de São Paulo, 1994.

SIENA, Mariana.; VALENCIO, Norma. Gênero e desastres: uma perspectiva brasileira sobre o tema. In: Congreso Internacional de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 27, 2009, **Anais...**Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 2009.

TEMER, Ana Carolina; SANTOS, Marli. Subjetividades femininas na cobertura jornalística. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25, 2019, Goiás. **Anais...** Goiás: UFG; Compós, 2016.

UNISDR. **Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030**: Luz e ciência para reduzir o risco de desastres e preservar a vida. Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015- 2030, v. 2030, p. 1–25, 2015.

UOL. **RJ: filha de morta em temporal diz que tragédia “poderia ter sido evitada”**. UOL – Universo Online, 9 abr. 2019. Disponível em:< <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/04/09/poderia-ter-sido-evitado-diz-filha-de-uma-das-vitimas-do-temporal-no-rio.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

VALENCIO, Norma; VALENCIO, Arthur. Cobertura jornalística sobre desastres no Brasil: dimensões sociopolíticas marginalizadas no debate público. **Anuario electrónico de estudios em Comunicación Social “Disertaciones”**, Bogotá, n. 2, v. 10, jul.-dez. 2017.

VALENCIO, Norma. **Para além do “dia do desastre”**: o caso brasileiro. Appris: Curitiba, 2012.

*Recebido em: 15/10/2023*

*Aceito em: 15/11/2023*



---

[2] Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisadora do CNPq. Email: [marciafranz.amaral@gmail.com](mailto:marciafranz.amaral@gmail.com)

[3] Dados disponíveis em: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2023.